

Resumo: O autor, que privou do convívio com Dom Joaquim durante vários anos, pretende ressaltar o lado humano que se escondia na aparência tantas vezes reservada, às vezes, solene, do Arcebispo. Quando ele exigia a atenção devida, não o fazia por vaidade, mas em consideração ao cargo hierárquico que ocupava. Na conversa à mesa, mais vezes soltava sua veia cômica, sempre porém de modo comedido. O autor recorda vários casos, identificando os personagens. Comenta também a dificuldade de Dom Joaquim, já idoso, em ajustar-se aos métodos da Ação Católica, bem como a sua preocupação com a “ameaça comunista”, levando-o a atitudes de estranha dureza em relação a pessoas tidas por suspeitas dessa tendência.

Abstract: The author was conversant with Don Joaquim's companionship during various years and thus focuses on the human lifestyle albeit sometimes hidden from public eyes by reserved attitudes or solemn demeanors. When he asked for attention he didn't show any ostentation but showed forth his hierarchical dignity. At the table he gave free reign to his comical trait but always with great self-restraint. The author recalls various incidents and identifies some persons by name. He comments about Don Joaquim's embarrassments in his advanced stage of life in regard to methodological adjustments dealing with Catholic Action and concerning his preoccupation with threats from communists, causing hard feelings and strange reactions towards persons suspected of harboring such tendencies.

O homem que foi Dom Joaquim Domingues de Oliveira

*José Edgard de Oliveira**

* O autor, presbítero da arquidiocese de Florianópolis, além dos cursos superiores de filosofia e teologia, frequentou o IBRADES, no Rio, e é especialista em Pastoral da Juventude.



Uma abordagem de fatos e feitos do homem que durante 53 anos (1914-1927) foi arcebispo em Florianópolis, SC. Abstraindo dos aspectos administrativos de governo eclesiástico e funções no desempenho como integrante da hierarquia da Igreja Católica, pretendo trazer e verificar o lado humano que se manifestava no exercício de seu ministério. Não se trata de uma biografia, uma vez que isto já existe e com suficiente objetivo histórico. É uma curiosa e por vezes hilariante sequência onde a personalidade reservada, do homem que se deixava perceber no trato diário, não eclipsava a dimensão que sua autoridade requeria. Acredito, até, salvo melhor avaliação, que seja mais fácil falar e comentar os acontecimentos narrados do que interpretar o que escondem, na forma escrita, seus gestos e maneiras

Mesmo porque a arte teatral poderia se encarregar disto com mais acerto e melhor comunicação. Chego a pensar que, nas funções eclesiásticas, há muito de teatral tentando transmitir o conteúdo da mensagem religiosa. O próprio desenvolver de uma cerimônia litúrgica não fica devendo em nada à exibição de uma peça teatral. Claro, estou me referindo ao que se apresenta como exterioridades.

Quando o valor mais importante não consegue ser percebido autenticamente sob as aparências da representação, a pessoa que se encontra responsável, fazendo uso de sua autoridade, tem reações as mais diversas. E, quanto mais considerada a responsabilidade, mais aguda é a autoridade. É o lado trágico da autoridade. Ter que responder à expectativa dos que a cercam e ao mesmo tempo trabalhar os seus aspectos pessoais. E aqui entra um outro condicionante: o desnível cultural do comunicador e do receptor. Dependendo do grau de tolerância de um lado e do outro, a reação pode ser intempestiva.

O nosso homem, Dom Joaquim, não fugia a esta regra. Mesmo porque, imbuído de um senso elevado de responsabilidade, associado a uma cultura palaciana, ele tinha convicção de que era a representação codificada da autoridade eclesial. Sendo assim, o que ele dizia ou comunicava tinha que ser observado ao pé da letra. Um pouco, talvez, de autoritarismo, absorvido de seus ancestrais. Consta, historicamente, que seu pai, em terras de além mar, perfilava o exército. Um laivo desse conteúdo transpirava ao se tratar de uma observância do que ele exigia, quando, com o dedo indicador em riste, cerrava o sobreceño, erguendo o olhar inquisidor, alterava a voz, sem lhe dar volume, mas varrendo qualquer possibilidade ao interlocutor. Por falar em sua voz, dela fazia



questão de dizer que não precisava de microfone (rejeitava sistematicamente) porque, dizia então: “*o arcebispo tem voz argentina*”.

Realmente, o timbre de sua voz era agudo. Mesmo assim, para uma catedral repleta de assistentes à celebração solene de uma determinada *quinta feira santa*, o aviso do arcebispo, presidindo, não foi suficientemente escutado: “*Hoje, em consideração a nosso Senhor Jesus Cristo, não se beija o anel do Bispo ao se receber a sagrada comunhão*”. O hábito era fazer aquele gesto de reverencial obediência, esperado até mesmo das autoridades. Os que vinham comungar, ajoelhados à chamada *mesa da comunhão*, deviam apresentar a língua e nesta receber a hóstia.

Para ajudar, fomos designados, padre Agostinho Stahelin e eu, que segurava a patena sob o queixo do comungante, caso este deixasse cair a espécie consagrada. As pessoas se acotovelavam. À frente, uma leva de alunos do Colégio Catarinense. O primeiro, fazendo menção de beijar o anel, baixou a cabeça. Dom Joaquim com o dedo ergueu-a e lhe deu a comunhão. Os seguintes não tentaram. Não foi o caso de inadvertidas senhoras. Estas ensaiavam até o sonoro estalido do beijo no anel. O Arcebispo com a hóstia, desviava a mão, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita e, já irritado, segurou o queixo de uma delas entre os dedos anular e médio, dizendo: “*Vamos, dona, não perca tempo!*” E lhe colocou na língua o pão eucarístico. O desagradável, no entanto, não terminou assim. Pois logo o Arcebispo parou diante de outra fiel comungante. E eu, na tentativa de ajudar, inclinei-me e disse baixinho: “*A língua... pra fora...*”. Nisto Dom Joaquim, afastando-me com o cotovelo, sentenciou: “*Cale a boca!... Não fale aqui!*” Meu constrangimento foi maior, porque riram da situação.

A estranheza que tais fatos podem causar, deve ser compreendida dentro dos limites do *homem que foi* revestido de dignidade incontestável, tanto mais evidente, quanto mais assumida e manifestada. E Dom Joaquim tinha consciência de que isto era um *serviço do homem para o homem*, mesmo que de caráter divino. Este, não perde nada ao se revestir da fraqueza humana.

O *espírito* do lema *qui praeest in sollicitudine* (aquele que preside, faça-o com solicitude), não contradizia Dom Joaquim de servir, mesmo que para tal tivesse que fazer uso de palavras, gestos e situações que ao rebanho pudessem parecer dominadoras. Não que ele modelasse seu ministério pelo figurino do rebanho, não, o modo de governo era o da lei. Quando ele exigia a atenção devida, não era, sem dúvida, por



vaidade, mas em consideração à melhor maneira de servir. Como se buscase concretizar o “*tenho que ser o melhor para servir bem*”. Para ele, tendo assumido o terceiro grau do *sacramento da Ordem* (o de Bispo), era mostrar no rosto da Igreja a marca da visão de Moisés ao descer do Sinai. No humano, o povo tinha que ver Deus. Não como Deus é, mas como quer ser visto pelo homem.

Aliás, o Sacramento da Ordem em todos os seus graus, das *ordens menores* até e, principalmente às *ordens maiores*, subdiaconato, diaconato e presbiterato, sempre merecia esmerada preparação. Escolhia a data e a ocasião mais adequadas, também para o rebanho, ao qual o zelo de pastor não dispensava solenidade. Ele, como autoridade, propiciava isto. O sentido posterior de *igreja povo de Deus*, ainda não fazia parte de sua *teologia*. Esta veio a se esclarecer e codificar com o Concílio Vaticano II (1962-1965). E deste, o Arcebispo só participou da primeira sessão, e o que então foi aprovado, ele tratava em clima de *obediência conveniente*, acentuando mais de uma vez que sua autoridade era *territorial*. E dizia, com certa ênfase: “*Aqui, o bispo, sou eu*”. Como também alfinetava em reuniões pastorais: “*Todos têm oportunidade de opinar... mas a decisão última é do bispo*”. Era o homem da *ordem*. Entende-se porque se esmerava tanto em preparar a homilia para uma Ordenação.

Lembro detalhes da que proferiu na Missa em que ordenou *presbíteros* Cláudio Jordão Cadorim e Raul de Souza. Foi a 4 de dezembro de 1955, na igreja matriz da Paróquia São Virgílio, em Nova Trento, SC. Dom Joaquim, lendo mais de uma página recheada de citações bíblicas em latim, traçou um admirável perfil do sacerdócio desde Aarão, passando pela figuração de Melquisedec, desembocando na plenitude sacerdotal de Jesus Cristo. Quem pesquisar nos arquivos de nossa arquidiocese, terá este precioso legado. Foi nesse evento, ao almoço oferecido no salão paroquial, com o objetivo de homenagear também Dom Joaquim por seu aniversário natalício, que um neotrentino, eufórico e atabalhado, pediu um brinde nestes termos: “*Viva vossa excelência o senhor acerbispo metropolitopitano!*” Dom Joaquim, à mesa, baixou a cabeça e, com esboço de riso, agradeceu.

Ainda guardo a emoção de minha ordenação como Diácono. Foi a 5 de janeiro de 1958, na capela da chácara das Irmãs da Divina Providência, na Trindade, em Florianópolis. Para me preparar, eu fizera um retiro espiritual no final de 1957, na Vila Medianeira, próximo a Porto Alegre, RS. Estava concluindo o terceiro ano de teologia no seminário



Imaculada Conceição, em Viamão, RS. A proximidade da decisão ao diaconato, levou-me à consciência de minha condição humana, fraca e, aflito, me interroguei, sobre o que o Senhor encontrara em mim para me escolher. Abrindo a Bíblia, meio a esmo, me deparei: “*Com amor eterno Eu te amei. Por isso, compadecido de ti, Eu te atraí*” (Jr 31,7). E naquela manhã de 5 de janeiro de 1958, Dom Joaquim, pousando as mãos em concha, com força, sobre minha cabeça, pronunciou forte e lentamente: “*Accipe Spiritum Sanctum...*” O que me fez estremecer.

Anos depois, também em um retiro no Morro das Pedras, em Florianópolis, eu iria reviver esta emoção, ao ouvir Pe. Hélio da Cunha cantar: “*Seduziste-me, Senhor e me deixei seduzir. Numa luta desigual dominaste-me, Senhor, e foi tua a vitória* (Jr 20,7ss)”.

O homem Dom Joaquim demonstrava sentir-se bem quando estava com seus padres e seminaristas. No entanto, esperava de todos, respeito, atenção e boas maneiras. Até no modo de sentar-se, denotava certa atitude de nobreza. Tomando refeição, fazia questão de servir a sopa no prato de cada um e a conversa era conduzida a partir dele. Para uma intervenção, tinha-se que pedir licença.

Assim foi na casa paroquial, em São Pedro de Alcântara-SC, após a Missa de Ordenação presbiteral (18 de janeiro de 1951) de nosso Pe. Afonso Stahelin. Ao jantar, chegamos atrasados, porque, após a celebração, José de Souza Lopes, Alípio Staehelin e eu, ficamos na sacristia guardando os pertences litúrgicos. Já estavam à mesa, com Dom Joaquim, o neo sacerdote, o pároco Pe. Roberto Wirobeck, os que haviam recebido as Ordens Menores, Bertolino Schlickmann e Wendelino Waterkemper. A porta de vidro do amplo refeitório iluminado estava fechada. Tomei a dianteira, entreabri e me atrevi: “*Excelência, dá licença...*” Para tranqüilidade minha, ouvi de Dom Joaquim: “*Entre, São Francisco!*” É que eu representara este personagem na peça de teatro dirigida por Pe. Tarcisio Marchiori, no seminário de Azambuja, em Brusque, SC, em homenagem a Dom Joaquim, por seu natalício, em 4 de dezembro. Depois de pedido o prato e servida a sopa, aguardávamos Dom Joaquim se servir. O silêncio era solene. Foi então que Dom Joaquim se pôs a contar que um determinado cidadão criava, em cativeiro, uma saracura. Um certo dia, o pássaro escapou e na rua bicou a perna da senhora, mulher do vizinho, que veio reclamar ao dono da saracura. Este pegou a pobre ave e “*tã...*” lhe torceu o pescoço. Os gestos que Dom Joaquim fazia eram de provocar riso e ele esperava por isso, mas não provocou senão um disfarçado “*hi-hi-hi*” dos



presentes. Pois o engraçado estava na situação embaraçosa de Wendelino Waterkemper, no prato de quem Lopes tinha despejado a travessa de salsichas, deixando-o corado de vergonha. Não conseguindo comê-las e nem devolver, cobria a boca com as mãos para que Dom Joaquim não visse a presumível falta de educação. Neste impasse, uma providencial cigarra de verão entrou janela adentro, bateu ruidosamente no lustre acima da mesa, caiu entre os talheres e, abafada por Lopes, abriu uma estridente cantoria, sendo arremessada janela afora. Esperávamos uma reação de Dom Joaquim, e esta veio como uma cobrança: “É... *Aconteceu quase como com a nossa saracura, ... não é?*” Então o riso acumulado se soltou e Wendelino pôde resolver o impasse com as salsichas. *O homem Dom Joaquim*, soltava sua veia cômica desde que não fosse desdouro à sua autoridade. Era jocoso, mas não vulgar.

Numa visita pastoral à paróquia, em São João Batista, SC, antes da Missa de domingo, na igreja matriz, esperou na casa paroquial que Monsenhor José Locks, o Pároco, viesse com um aglomerado de fiéis. Depois dos costumeiros *vivas* à Igreja, ao Papa, ao Arcebispo, começou a procissão de entrada à igreja. Nossa banda musical, sob a regência do senhor Thomás da Silva, iniciou o hino da Arquidiocese: “*De cristãos esta coorte*”, tendo que respeitar o gesto com que Dom Joaquim marcava a *fermata* na frase “*salve Santa Catarina*”. E então, ele prosseguia. Portando mitra e báculo, caminhava sob o pátio sustentado por homens representativos do poder público e membros da “*fábrica da igreja*”, entre os quais meu pai Francisco Joaquim Leonardo de Oliveira e, logo à frente, o *intendente* Cristóvão Reinert. Como presbítero assistente, eu, caminhando ao lado do Arcebispo, percebi que o pano do pátio ia lhe derrubar a mitra e fiz aceno para meu pai. E este, com o varal que segurava, tocou o senhor Cristóvão e disse: “*Estica!*” De imediato, Dom Joaquim emendou, irônico: “*Cuidado! É o delegado, hein!*”

Na igreja, ajoelhou-se no genuflexório e eu também, no tapete, a seu lado. Então me sussurrou: “*Vá iniciar as orações com o povo...*”. Entretanto, a jovem encarregada, sem demora, atalhou: “*Para Vos, render, ó Deus, a honra e o louvor que Vos são devidos, vamos assistir ao santo sacrifício da Missa...*”. Com isto, voltei e me ajoelhava quando, batendo no genuflexório Dom Joaquim sentenciou: “*Vá, lá! Obedeça!*” Era meu segundo ano de padre, e me senti humilhado perante meus conterrâneos. Que celebração de mágoa! E foi assim até o final da Missa. Quando fomos tomar café, Dom Joaquim, num gesto de *reconciliação*, passou



o prato com ovos fritos: “*Padre... um ovinho*”. Eu, amuado, retruquei: “*Não gosto de ovo frito...*”.

Fui indicado por Monsenhor Frederico Hobold, cura da Catedral e Vigário Geral, para acompanhar Dom Joaquim em uma “*missa do cadáver*” encomendada pela direção da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Santa Catarina. Era uma tradição, em memória dos falecidos cujos corpos eram estudados na anatomia. Cheguei ao palácio do Arcebispo, onde me aguardava o motorista Dorvalino João de Lima. Embarcamos no *Chevrolet*, oferta do Governo do Estado ao Arcebispo. Eu ao lado do motorista e Dom Joaquim no assento de trás, reservado às autoridades. Chegando à Praça Getúlio Vargas, passando lentamente à frente da capela Espírito Santo, vimos alguns universitários fumando e conversando sem se darem conta da presença do Arcebispo, que disse a Dorvalino, o motorista: “*Toque! Adiante!*” Uma volta em torno da praça e, então, mandou parar à entrada da capela. Assim que Dorvalino abriu a porta do carro, o Arcebispo saiu apressado e eu o acompanhei. Ajoelhou-se no genuflexório e eu a seu lado. Uns minutos de oração e começou a se paramentar, dispensando minha ajuda. A Irmã encarregada da capela, nervosa, acendendo as velas, derrubou castiçais no altar. E Dom Joaquim começou: “*In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*” com as leituras bíblicas já em português.

O texto do Evangelho, leu-o Dom Joaquim. E então, fui à *credência*, peguei a pasta de percalina preta contendo a homilia escrita, e apresentei-a. Mas Dom Joaquim, com rispidez, afastou-a, dizendo: “*Non sunt digni!*” E não fez a homilia. A Missa seguiu. Ao final, tirados os paramentos, Dom Joaquim saiu pelo corredor central, enquanto pelas laterais se apressavam os diretores da Faculdade que, chegando antes à porta da capela, solicitaram: “*E m i n ê n c i a...*”. Dom Joaquim, ironizou: “*Padre Edgard, eminência, veja, e m i n ê n c i a ...*”. E o diretor concluiu: “*Os alunos querem escutar suas palavras!*”. Mas Dom Joaquim emendou: “*Escutar um velho... Quem é que quer, não é?*” Embarcamos de volta ao Palácio, sua residência, e ele comentou: “*Preparei... por diversos dias... Falar sobre o valor da vida... A gravidade do crime de aborto...*”. De leis, Dom Joaquim entendia. Pois em 1907, concluindo estudos em Roma, recebeu o título de *doutor em direito canônico*.

Dentre os padres que bem perto conviveram com Dom Joaquim, um deles foi o Pe. Tarcísio Marchiori, natural de Nova Trento, SC. Foi religioso entre os Irmãos Maristas e, ordenado presbítero, residiu por um



tempo com o Arcebispo. Era um intelectual, filósofo e poeta fecundo. Certa vez, um conhecido advogado, apreciador incondicional de Dom Joaquim perguntou, com ares de inquisidor: “*Morando com o Arcebispo, como é que o senhor se sente?*” E Pe. Tarcísio prontamente respondeu: “*É um chato!*” Isto chegou ao conhecimento de Dom Joaquim. Em consequência, numa refeição, o Arcebispo, entre um bocado e outro, repetia: “*Come do meu feijão... e é contra mim... Come do meu feijão...*”. Diga-se que o feijão feito caldo era o prato preferido. Não dispensando, pela manhã, a gemada de ovo com leite e uma *cebola de cabeça*.

Um outro que, sabidamente, viveu momentos difíceis com Dom Joaquim, foi o seu Vigário geral e cura da Catedral, monsenhor Frederico Hobold. Era o homem de confiança e na linha de frente, o primeiro a suportar os embates. Quando víamos Monsenhor agitado, sabíamos que entre os dois tinha havido tensão. Mas, o respeito mútuo e a quase veneração, levavam Monsenhor a ficar silencioso.

Para as missas pontificais solenes, por exemplo, cabia-lhe convidar as autoridades e orientá-las de modo a formar um cortejo ao arcebispo. Este, recebidos os cumprimentos à porta da catedral, iniciava solenemente a entrada até sua cátedra episcopal. O som festivo do órgão de tubos, tocado por Irmã Aurélia, acompanhava o Coral Santa Cecília no *Ecce Sacerdos Magnus (Eis o grande sacerdote)*. O *pontífice*, sem mais demoras, sentava-se no trono, o seu lugar de direito. O cerimoniário, de preferência, Pe. Alfredo Junkes, sempre atento e eficiente, conduzia a paramentação litúrgica. Sobre a batina de cor roxa e sobrepeliz de punhos rendados, o celebrante era revestido da alva cintada com o cíngulo com cujas pontas se prendia a estola. Vinha a casula, estilo romano. Pois Dom Joaquim não aderiu à casula ampla. Recebia novamente a cruz peitoral preciosa, trazida numa bandeja por um dos diversos ajudantes litúrgicos. Descalçadas as luvas, tinha as mãos lavadas e enxutas. Colocadas as luvas novamente, recebia, então, o *anel de bispo*, símbolo de sua aliança com Deus e seu povo. Sobre a cabeça o *solidéu*, cobrindo a tonsura, simbolizando *exclusividade* para Deus e então, a *mitra*, lembrando a tradição sacerdotal bíblica. Recebia então o báculo, cajado de pastor do rebanho. E o pontífice assumia o trono! Os fiéis assistiam respeitosamente a todo este demorado ritual. E, como costuma acontecer, a *devoção* aos sinais assegurava a prática da religião e da fé.

O povo fiel, ao estilo conservador, como vemos nos assentos dos livros das paróquias, era tido religiosamente como *clientela* até



juridicamente. Não havia nisto nenhum desdouro. Era a preservação dos limites da abrangência da autoridade. Estavam dentro desse quadro *devocional* as Irmandades religiosas, as associações, as confrarias, e outras agremiações com as quais a autoridade do clero podia contar. Nas celebrações, principalmente, elas revestiam o *mistério*, tornando-o próximo aos sentidos.

As Irmandades religiosas tradicionais, as congregações marianas, as *filhas de Maria*, o apostolado da oração, entre outras agremiações de igreja, eram incentivadas por Dom Joaquim, que recebia delas respeito e obediência. Era comum, por exemplo, na sacristia da Catedral, os membros dessas agremiações virem em fila beijar-lhe o anel. Os integrantes, envergando opa, estavam nas procissões como uma espécie de guardiães. Era a respeitável cultura advinda desde o Concílio de Trento. O binômio *poder e autoridade* sempre estiveram juntos. Aquele, necessita e cultiva as aparências; esta se contenta com servir. Alternam-se muitas vezes por questão de sobrevivência. E por fim nivelam-se e se aniquilam. Esta realidade de vida era bem presente em Dom Joaquim. E a interpretava, a seu modo. Comentou-se, por exemplo, que ao receber, no aeroporto de Florianópolis, em 1957, o franciscano Dom Felício Cesar da Cunha Vasconcellos, como coadjutor com direito à sucessão, Dom Joaquim teria dito: “*Veio para me suceder... Quem sabe se não serei o sucessor dele... Não é?*” Teria comentado: “*A ele as incumbências... A mim as honras!*” O fato é que quando podia, tomava a *precedência!*

Não é de se estranhar, então, que movimentos de leigos conscientes de sua participação na renovação da Igreja, mais apoiados por Dom Felício, fossem rejeitados e até hostilizados por Dom Joaquim. Nesse período, ambos sofreram. Um, no palácio episcopal; o outro, recolhido ao convento dos franciscanos. Para quem já vinha vivendo, no seminário, o clima de pré-Concílio Vaticano II, a exemplo de ilustres membros da hierarquia católica, era situação de constantes atritos. A fecunda experiência da Ação Católica, colocava em cheque as tradicionais associações de devoção.

Recém ordenado, fui acolhido por moças e rapazes que viviam a animadora força do método *ver-julgar-agir*. Era a Igreja mergulhada na sociedade. Não só com objetivos religiosos, mas com *engajamento* nas frentes onde Cristo queria entrar. O padre saía das sacristias e ia para as praças. Religiosos e religiosas alongavam suas atividades apostólicas além dos restritos limites de suas comunidades. Criavam-se formas de



evangelizar com o violão acompanhando textos, numa linguagem nem sempre litúrgica, mas religiosa. As *missas jovens* lotavam as igrejas, principalmente no Colégio Coração de Jesus e no Colégio Catarinense.

Foi a Juventude Estudantil Católica (JEC) que germinou o *movimento estudantil* na consciência política, instrumentalizando os *grêmios estudantis* e criando uma teia de lideranças que agia de forma integrada, como UFES, UCES, UNE, respectivamente, União Florianopolitana, União Catarinense, União Nacional de Estudantes. Esta tomada de posição para a Igreja no Brasil vinha da Conferência Nacional dos Bispos, expressa de modo programático no corajoso *Plano de Emergência*.

Uma sociedade tradicional e conservadora, da qual faziam parte muitos integrantes da hierarquia católica, incluindo o nosso Dom Joaquim, não via com bons olhos essa intromissão no esquema do poder estabelecido. No secretariado da CNBB estava um Dom Helder Pessoa Câmara, assessorando e respondendo em nome dos bispos aos anseios de participação que emergiam dos *leigos* da Igreja.

Em nossa arquidiocese se destacavam: a JOC (Juventude Operária Católica), a JUC (Juventude Universitária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica) e ainda a a JIC (Juventude Independente Católica) e a JAC (Juventude Agrária Católica). Era um novo *pentecostes*, não só para os condutores da Igreja, mas para todo o povo de Deus. De todos os ângulos soprava o *vento divino* sacudindo as entranhas da Fé.

O arcebispo, Dom Joaquim, tolerava, enquanto tais movimentos agiam dentro dos limites e sob os olhos de sua autoridade. Mas desde que passaram a atuar fora de seu alcance, como *lideranças*, ele reagia. Temos que nos colocar historicamente no panorama político dos anos 60. Na Igreja, o Concílio Vaticano II, fora da igreja as manifestações ideológicas de *direita* e de *esquerda*, ambas ambicionando o poder. A igreja, enquanto força de centro, oscilava entre uma prática *conservadora* e uma crítica *transformadora*. O método da *ação católica* embalava as lideranças emergentes na *utopia mística* do poder espiritual de uma fé em: *Cristo vive, Cristo reina, Cristo impera*. Era o confronto com o poder. Entretanto, passar para a vitória sem pagar o preço da dor, não está no plano divino. E a dor veio, na forma mais estranha e violenta: a da repressão.

Quero registrar, em certas áreas católicas, a decisão de não perder o poder, levando as lideranças em ação às raias dos tribunais, prisões e



torturas. Em nossa arquidiocese de Florianópolis, não foi diferente. Em 1964, o golpe de direita, arquitetado a partir do Exterior, mas usando o poder instrumentalizado nacional, levou nosso Arcebispo a se intimidar. E quando comunicaram que padres e leigos católicos estavam na iminência de serem presos, ele não interferiu, num gesto de “tanto-faz-como-tanto-fez” e disse aos militares: “Se é a lei...cumpra-se”.

Cabe destacar a colocação feita por um general, no 14 BC, (hoje 32 BC), para onde fui levado a interrogatório. O comandante Arges do Monte Lima, depois de nos ouvir, profetizou: “*Eu acredito, que o reverendo padre Edgard esteja sofrendo inocente... Mas se é este o caso, digo – quem sou eu para dizer isto – que o sofrimento faz parte do Cristianismo e o senhor, como padre, está dando o exemplo*”. Foi Dom Felício que nos defendeu e acolheu em sua residência, o Convento Santo Antônio, dos padres franciscanos, a cuja Ordem ele pertencia.

Um episódio lamentável teve como palco o palácio do Arcebispo. A Ação Católica, sob a orientação da direção nacional da CNBB, aprovou um instrumento *ideológico* chamado AP, ação popular, fundamentado no processo de *nucleação*. Consistia na identificação dos núcleos de força de mudança dentro da sociedade, independente de conotação religiosa. O integrante da JEC (nacional), Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Beto), voltava de uma reunião do Regional Sul IV, em Porto Alegre, RS, e os da JEC me pediram para hospedá-lo. A Paróquia N^a Sr^a de Fátima, no Bairro do Estreito, Florianópolis, SC, com expresso conhecimento de seu coadjutor, Pe. Huberto Waterkemper, acolheu. Um *investigador*, cujo nome não quero declinar, violou a bagagem do hóspede, retirou o documento AP, registrou no comando militar, e deixou o original com Dom Joaquim. Este, mandou o fiel monsenhor Frederico Hobold me chamar. Neste momento o Beto, como era conhecido, de joelhos, no meu quarto se confessava. E ao lhe dar a absolvição eu lhe disse: “*Beto, quem trabalha para Reino de Deus está arriscado a sofrer*”. Ele pegou da estante o *Poemas para rezar*, de Michel Quoist, e descemos até à praça *Nossa Senhora de Fátima*, ponto de taxi. Estava aí o taxista Areias, que nos levou ao Palácio do arcebispo. Areias saiu do carro e Beto ficou lendo. Fui à entrada do palácio, apertei a campainha e veio um jovem, a quem informei que Dom Joaquim me chamara. Foi até o arcebispo e voltou



dizendo que ele iria me receber. Recebidos pelo Arcebispo, este bruscamente afirmou: *“Padre Edgard, você deu hospedagem a um comunista... E lá não pode ficar... Tem que mandar embora. Um comunista...”*. Com voz trêmula eu me arrisquei: *“Excelência, dê licença, eu não dei hospedagem a um comunista, mas a um jovem da Ação Católica. Inclusive está vindo de uma reunião do Regional dos Bispos em Porto Alegre”*. E Dom Joaquim, visivelmente irado, apostrofou: *“Aqui, sou eu e não Porto Alegre! Vá e retire este intruso da Casa Paroquial”*. E me atrevi de novo: *“Se V. Excia quiser falar com ele, ele veio comigo”*. *“Está aí?”* Perguntou-me com um tom de disfarçada satisfação. Desci e fui até ao carro. Beto dormia segurando o livro que trouxera. Acordei-o e disse: *“É contigo... Ele quer te ver...”*. Enquanto caminhávamos, Beto falou: *“Eu desconfiei... Porque mexeram na minha mala”*.

Chegamos, e o mesmo jovem nos esperava para dizer que o Arcebispo nos aguardava na pequena biblioteca. Ali, sentado, com ar agressivo, afastou a mão de Beto sem cumprimentá-lo e começou uma saraivada de perguntas: *“Como é o seu nome? De onde você vem? Qual a sua religião? Batizado, crismado, primeira comunhão?”* E a cada resposta, o arcebispo, respondia: *“Mentira! Você veio para ludibriar, enganar os meus padres! Não vai ficar, vai ter que deixar a casa paroquial. Padre Edgard vai fazê-lo sair... E padre Edgard obedeça, obedeça, logo, hoje! Obedece ou não, padre Edgard?”* Respondi: *“Obedeço”*. E o arcebispo continuou: *“Vamos comunicar ao monsenhor Frederico que estaremos livres desta praga!”* Eu estava em lágrimas, olhando o crucifixo bem à minha frente, e não conseguia entender aquela cena de tortura. Foi quando Beto, levantando a mão, pediu para dizer: *“Eu peço que o senhor me devolva este caderno que o senhor tem... que é meu!”* A cena congelou e Dom Joaquim mudando de tom, como quem é pego de surpresa, retrucou: *“Como, como que é seu?”* *“Sim”*, disse calmamente Beto – *“está na capa o meu nome!”* Dom Joaquim, que havia brandido o caderno como uma espada, olhou, leu e acrescentou: *“Será devolvido... O seu a seu dono, não é?”* E jamais aconteceu tal devolução. O Arcebispo, então, disse que podíamos sair e nos levantamos, saindo em direção ao taxi onde o senhor Areias nos aguardava. Beto, tranqüilo, falou: *“Bem que você me disse na confissão: quem trabalha para o Reino de Deus, sofre”*. Eu, ainda traumatizado, lhe pedi desculpas diante de tanta injustiça. E, já na casa paroquial, telefonei para os amigos do Hotel Novo,



de Sírio Patrício Lima, e logo veio Sílvio, seu filho e levou Beto e sua mala, dizendo: “*Lá, conosco estará seguro!...*” Dom Joaquim exigiu, ainda, que no dia seguinte, domingo, ele presidisse a Missa das 9h, N^a S^a de Fátima, que eu o acompanhasse e ficasse ao pé do púlpito, diante dos fiéis, enquanto ele pedia desculpas ao povo e reafirmava, alto e bom som, que estávamos livres da *peste...*

Quem manuseia as páginas escritas por Pe. José Artulino Besen, nosso historiador, vai se admirar e até se emocionar com tudo o que este *homem que foi dom Joaquim* fez em favor da Igreja de Cristo em terras catarinenses. Mas também faz parte da estatura moral deste *pequeno Davi*, sua despedida, já no hospital de Caridade. Numa maca, sendo levado para a cirurgia, com voz submissa chamou por seu fiel escudeiro, Frederico Hobold: “*Monsenhor... Monsenhor...*” E este, imediatamente: “*Pronto, Excelência*”. E Dom Joaquim, *o homem que foi*, teve coragem para um gracejo: “*Quem diria, ontem um leão, hoje uma merdinha!*” Isto era tão importante para o *homem* no qual foi depositada a dignidade com autoridade, a ponto de este detalhe ser memorizado, e nele se entrever toda a misericórdia Daquela que o escolhera.

Leiam-se as emocionantes páginas do seu testamento, resgatado por Pe. José Artulino Besen. Delas, me permito destacar um item, texto do *Te Deum*, tantas vezes entoado por Dom Joaquim no encerramento do ano, quando virava a página de mais um período de sua longa e frutuosa vida. “*Por último, levantamos confiantemente os olhos para Deus que declarou pelo profeta que não será punido o que a Ele se recomendar e pelo que, humilde e confiantemente repetimos: In Te, Domine, speravi, non confundar in aeternum*” (*Em Vós, Senhor, esperei, não serei confundido eternamente*).

Florianópolis, 23 de julho de 2014.

Endereço do Autor:

Rua SC 411, Km 19, no. 3657

Cardoso

88240-000 São João Batista, SC